



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

O FUTEBOL COMO METÁFORA

Marcos Roberto Inhauser

Assistindo ao último jogo do Brasil, fiquei indignado com o tranco que o camaronês deu no Neymar, pelas costas e já fora do campo, jogando-o sobre os fotógrafos. Acho que não fui o único que me indignei.

Ao ver a volta do agressor que tentou se desculpar com o Neymar e a recusa deste, fiquei a pensar em situações da vida em que coisas parecidas acontecem conosco. No jogo da vida há gente que joga limpo. Obedece as regras do jogo, foca na bola. Na vida real e nos relacionamentos este tipo de jogo é feito por aqueles que respeitam as regras da comunicação, sabem manter um diálogo onde a palavra tem mão dupla e o escutar tem seu espaço. Não interrompem a fala, não transformam em monólogo, não chutam a canela do outro.

Há os que, mesmo querendo jogar limpo, tem seus momentos de imperfeição, de erro, de encontro. Eles não são maldosos e os comentaristas gostam de dizer que “fazem parte do jogo”. Mesmo os que querem jogar limpo tem seus momentos de bobeira, de imprecisão, chegam atrasados e acertam o jogador ao invés de acertar a bola. Não o fazem por maldade, mas pela imperfeição natural do ser humano.

Outros há que jogam duro e firme. Demarcam seu terreno e passar por eles é uma batalha. SE precisar, cometem faltas e derrubam. Normalmente estes jogadores jogam na defesa. Eles sabem que se o atacante avançar, poderá ser fatal. Na vida real há quem assim se comporte, e, digo mais, todos sabemos demarcar nosso terreno e ser mais duros e firmes quando alguém quer nos dar uma bola nas costas.

Há ainda os que jogam pesado. Por falta de técnica, por insegurança, por vingança, ou para “dar uma lição”, entram pesado e derrubam maldosamente. Os tombos podem ser inofensivos como podem provocar lesões. Há no jogador a intenção deliberada de provocar algo no outro. Na vida há gente assim. Falta-lhe técnica comunicacional, faltam argumentos, levam um chapéu e ficam irados e querem “dar uma lição no engraçadinho”. Atropelam, entram de carrinho, dão tesouras.

O interessante é que, na maioria das vezes, estes “açougueiros” se levantam rapidamente e reclamam da falta apitada, vão chiar com o juiz, se passam por vítimas. Não raras vezes citam outros momentos em que o juiz deveria ter marcado e não marcou e agora não deveria ter marcado.

No caso citado no início, o camaronês foi desleal e violento. Bateu duro. Derrubou e achou que tinha sido normal. Quando foi chamado às falas com o árbitro, voltou para “pedir desculpas”, como se isto fosse suficiente naquele momento. A atitude de Neymar em não ceder foi natural e espontânea de alguém que foi atacado duramente. Ela se aproxima da falta de outro camaronês Song que correu atrás do atacante Mario Mandzukice, com o cotovelo, desferiu-lhe um golpe.

Há quem, de forma sorrateira e inesperada te dá cotoveladas pelas costas. Tal como o Song, merecem ser expulsos de campo e tomar uns dias de “presta atenção”.